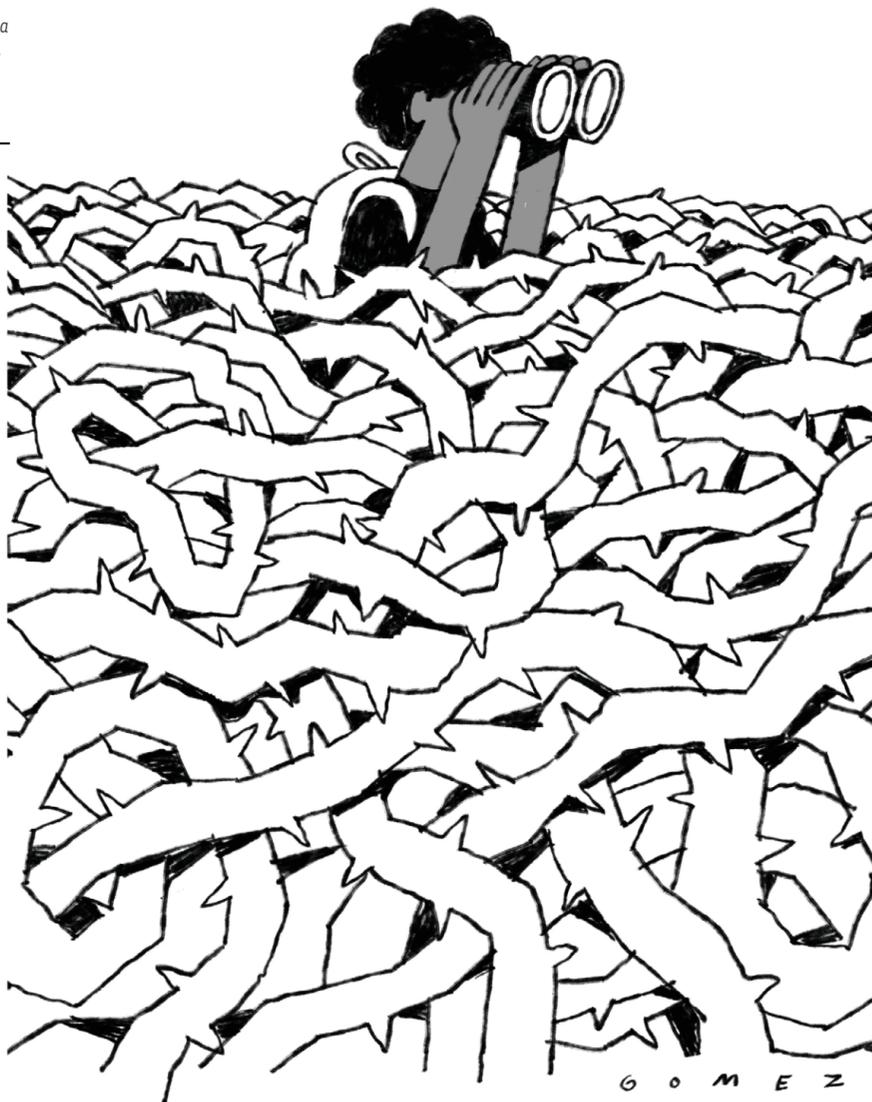


# Financiando a transformação da educação pública antirracista



» DAVID ARCHER  
Diretor de Programas da  
ActionAid Internacional  
e representante global  
do Projeto Seta



Os sistemas de educação pública ao redor do mundo são cronicamente subfinanciados e desiguais. Embora a educação deva ser a força mais poderosa para promover a igualdade, o seu acesso e o sucesso na educação estão cada vez mais estratificados, o que reforça as injustiças históricas, que deveriam ser combatidas.

Os dados mais recentes mostram que, aproximadamente, 8 mil dólares, cerca de R\$ 40 mil reais, são gastos, anualmente, na educação de uma criança em países de alta renda, enquanto apenas 55 dólares, o equivalente a R\$ 330 por criança, são gastos, no mesmo período, em países de baixa renda, ou seja, cerca de 155 vezes a menos.

No Brasil, a Pesquisa Percepções sobre o Racismo no Brasil, do Projeto Seta (Sistema de Educação para uma Transformação Antirracista) e Instituto Peregum (2023), revelou que o racismo é o principal fator gerador de desigualdades, uma vez que 81% dos entrevistados afirmaram que o país é racista, e 64% dos jovens de 16 a 24 anos relataram que os contextos educacionais são os locais onde mais vivenciam o racismo.

Embora exista a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, as agendas de políticas de educação globais e nacionais quase nunca abordam o racismo diretamente. Temos duros desafios, pois o racismo assume formas distintas e tem histórias particulares em diferentes países. Porém, existem raízes comuns significativas nas histórias estruturais contínuas de colonialismo, etnonacionalismo e despossessão indígena.

No último ano, o Projeto Seta, composto pelas organizações ActionAid, Ação Educativa, Campanha Nacional pelo Direito à Educação, Conaq, Geledés, Makira-Eta e a UNEafro Brasil, tem mapeado iniciativas ao redor do mundo que buscam enfrentar as questões de discriminação racial na educação, compreendendo diversas intervenções educacionais antirracistas e o trabalho que está sendo feito para construir movimentos de educação antirracista em diferentes contextos locais e nacionais.

O escopo dessa atividade no Brasil disponibiliza ideias dos investimentos necessários para, realmente, implementar um sistema público de educação antirracista. Para isso, é necessário apoiar o diálogo intergeracional sobre racismo e educação nos lares, escolas, locais de trabalho e na mídia. É preciso, também, um diálogo político sobre educação antirracista nos níveis federal, estadual e municipal. Educadores e gestores

educacionais precisam ser treinados e apoiados com bons recursos de educação antirracista.

O aumento de investimentos é claramente necessário para alcançar o objetivo, mas esses investimentos são difíceis de fazer em um sistema de educação pública subfinanciada, seja no Brasil, seja em qualquer outro país.

O financiamento doméstico será sempre a chave. A Comissão de Educação observa que 97% do financiamento da educação vem de fontes domésticas, e, mesmo em países de baixa renda, apenas 12% do financiamento da educação vem de ajuda ou empréstimos. No entanto, o discurso global sobre educação é dominado pela indústria de ajuda, com doadores frequentemente exercendo um enorme poder sobre a direção das reformas educacionais em países de baixa e média rendas.

Os países preocupados com o financiamento da educação precisam ser capazes de aumentar suas receitas tributárias por meio de reformas fiscais progressivas – o que é difícil quando as regras fiscais globais foram

definidas por 60 anos pelos países ricos da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), facilitando fluxos financeiros ilícitos.

Um novo briefing, lançado na Reunião Global de Educação da Unesco, intitulado Dear Ministers of Finance (Caros ministros de finanças), delinea como existem alternativas que os ministros da Fazenda podem traçar para um caminho diferente que transforme o financiamento da educação. Por meio de ações sobre impostos, dívida e austeridade, é possível liberar os recursos necessários para criar sistemas de educação pública mais equitativos, de melhor qualidade e antirracistas. Mas isso requer uma mudança da visão de mundo (às vezes, sutilmente) racista que moldou tanto a educação quanto a formulação de políticas econômicas por gerações. Enquanto isso, na mesma Reunião Global de Educação, uma carta aberta também foi publicada, convocando a comunidade educacional global a pôr a educação antirracista no centro dos debates políticos futuros.

# A prática das lutas e a saúde mental



» GIDALTI GUEDES DA SILVA  
Doutor em educação.  
Professor da disciplina de  
lutas no curso de educação  
física da Universidade  
Católica de Brasília (UCB)

Conheci o mundo das lutas em 1989, quando iniciei a prática do Karatê-Do, em Belém do Pará. Ao longo de minha vida, o Karatê se manteve presente, trazendo-me benefícios físicos e psicológicos. Por esse motivo, abordo o tema deste artigo sem uma pretensa neutralidade, mas como um sujeito implicado ao objeto, integrando a experiência pessoal aos saberes científicos.

A comunidade científica tem comprovado que as artes marciais trazem benefícios para a saúde mental, com melhoria da qualidade de vida das pessoas. Por exemplo, artigo publicado recentemente no periódico *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento* evidenciou que a prática das lutas contribui no combate à ansiedade e à depressão. Mas, de que modo a prática de uma arte marcial traz benefícios para a saúde mental?

Em artigo publicado na *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, Marco Mello evidencia que toda prática regular de exercícios físicos corrobora para a liberação de endorfinas (hormônios da felicidade), que promovem o relaxamento, a melhora do humor e a redução dos sintomas de estresse. Sendo assim, os benefícios dos exercícios físicos para a saúde mental estão presentes na prática regular de qualquer modalidade de luta. Contudo, eu gostaria de abordar alguns benefícios psicológicos específicos da prática de uma arte marcial.

Durante os treinos marciais, os praticantes vivenciam situações de confronto, pressão, frustração e falhas, aprendendo a fazer gestão de suas emoções, tanto nos treinos quanto em situações análogas do cotidiano. Aquele que se sente impotente diante dos problemas passa a reagir com maior autoestima, resiliência e capacidade de enfrentamento. Contudo, a atitude de “lutar” não deve simplesmente liberar pulsões de agressividade, vinculadas ao nosso instinto de autoconservação. Por isso, ao passo que a arte marcial encoraja para o combate, também ensina o praticante a identificar e a sublimar sentimentos primitivos de agressividade. Esse é um aprendizado de grande valor para a gestão das emoções e para a saúde das relações interpessoais.

No karatê, o equilíbrio entre encorajamento e autocontrole é alcançado por meio do treinamento do baixo abdômen (hara ou seika tanden). Mestres como Funakoshi, Nakayama e Kanazawa ensinam que, ao executar rotineiramente as técnicas, o karateca deve aplicar corretamente o giro de quadril, a contração muscular e a respiração, trabalhando a estrutura muscular pélvica e abdominal. Além dos benefícios físicos diretos, esse treinamento fortalece a consciência corporal, a concentração, bem como a percepção de si e do mundo exterior.

O princípio da atenção plena, também conhecido como Zanshin, é outro relevante ensino do karatê com efeitos terapêuticos notáveis. Durante os treinos, o praticante é desafiado a estar presente, vivendo a experiência da aula de modo pleno, integrando corpo, alma e espírito. Desse modo, o pensamento não se perderá em devaneios do passado (remorso ou culpa). Também não estará cativo do futuro (insegurança e ansiedade). De acordo com Miyamoto Musashi em *Gorin no sho*: o livro dos cinco anéis, essa atenção deve ser colocada na vida presente, nos riscos e oportunidades do agora, valorizando os detalhes, sem desprezar a visão do todo. Quando isso ocorre, o praticante toma maior consciência de si mesmo e identifica suas fragilidades e sentimentos inapropriados. Esse processo de autoconhecimento catalisa movimentos existenciais de cura.

Ao longo dos anos, tenho visto os benefícios da arte marcial para a melhoria da saúde mental de vários alunos. Tomo como exemplo o caso de Bianca Lozeros, acadêmica de arquitetura da Universidade Católica de Brasília (UCB), que tem encontrado no karatê uma alternativa no enfrentamento à ansiedade e à depressão. Tenho plena convicção de que não se trata de um caso isolado, mas uma rotina de tantas academias de arte marcial.

Concluo aqui, confirmando a tese de que a prática de artes marciais traz benefícios para a saúde mental. Além disso, advoغو que o ensino das lutas pode ser considerado uma espécie de terapia integrativa, que contribui para a promoção da qualidade de vida dos sujeitos.

# O ano da carne bovina brasileira



» ROBERTO PEROSA  
Presidente executivo da  
Associação Brasileira das  
Indústrias Exportadoras  
de Carnes (ABIEC)

O ano de 2024 ficará marcado como o período em que a carne bovina brasileira superou barreiras, conquistou novos mercados e consolidou seu protagonismo global. Com exportações de 2,9 milhões de toneladas, um salto de 26% em relação ao ano anterior, e uma receita de US\$ 12,9 bilhões (R\$ 78,6 bilhões na cotação atual), o setor respondeu, em grande parte, pelo resultado favorável da balança comercial do agro brasileiro. Para se ter uma ideia da grandiosidade desse feito, o volume exportado pelo Brasil equivale quase à produção anual inteira da Argentina, que soma 3 milhões de toneladas.

A China foi o principal destino, com 1,3 milhão de toneladas e US\$ 6 bilhões em receita. Mas 2024 foi um ano de diversificação e crescimento, e os Estados Unidos, Emirados Árabes, México e Filipinas, também registraram aumentos expressivos, destacando a carne bovina brasileira como sinônimo de qualidade e confiabilidade.

Esse desempenho não é fruto do acaso. O trabalho conjunto entre a Associação Brasileira

das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) e a ApexBrasil, por meio do projeto Brazilian Beef, segue decisivo para promover a carne brasileira mundo afora. Com o apoio estratégico do Ministério da Agricultura e Pecuária e do Ministério das Relações Exteriores, feiras internacionais, missões, campanhas estratégicas e o compromisso com práticas responsáveis abriram novas oportunidades e consolidaram nossa presença mundial.

Exportar mais é reflexo do aumento da produção interna de carne, que também foi recorde no ano passado. A agroindústria frigorífica deve fechar 2024 com processamento de 11,7 milhões de toneladas, segundo dados do governo. Cerca de 70% dessa produção é destinada ao mercado interno, garantindo que a maior parte da carne bovina continue na mesa do brasileiro, enquanto os 30% restantes seguem para o exterior. Em ambos os casos, com qualidade, sanidade e, principalmente, a sustentabilidade que é cada vez mais exigida no mundo.

No quesito sustentabilidade, 2024 trouxe um marco fundamental: o lançamento do Plano Nacional de Rastreabilidade Individual pelo Ministério da Agricultura e Pecuária, construído em parceria com o setor privado e com entidades representativas, como a Abiec e a CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária). Essa iniciativa moderniza nossa cadeia produtiva, fortalece a imagem do Brasil como um fornecedor responsável e atende às exigências de consumidores cada vez mais atentos à origem

e à qualidade dos alimentos. Além disso, a plataforma Agro Brasil+ Sustentável agrega valor à nossa produção e contribui para eliminar restrições sobre as exportações brasileiras.

Para 2025, as expectativas são ambiciosas. Negociações avançam para acessar mercados de peso, como Japão, Turquia, Vietnã e Coreia do Sul, que juntos representam quase 30% do mercado global de carne bovina. Esses países não são apenas destinos promissores, mas também o próximo passo para consolidar o Brasil como uma potência agroexportadora ainda maior.

O desafio, no entanto, vai além do acesso a novos mercados. A modernização da cadeia produtiva, a sustentabilidade e a manutenção da sanidade são questões centrais. Neste ano, o Brasil será declarado pela Organização Mundial de Saúde Animal como um país todo livre de febre aftosa sem vacinação, um avanço técnico-científico que consolida a posição do Brasil como um fornecedor confiável. O grande desafio será demonstrar essa evolução para mercados, tanto nacionais quanto externos, reafirmando o compromisso com qualidade e segurança alimentar.

Se 2024 foi um ano de recordes, 2025 promete ser de novas conquistas. A carne bovina brasileira não é apenas um produto de excelência; é a prova do trabalho, inovação e paixão que movem nossa cadeia produtiva. Seguimos avançando, com o mundo como nosso mercado e a certeza de que o melhor ainda está por vir.